

“MAIS UM LUGAR À MESA”

Capítulo do romance inédito de autoria de

Paulo de Moraes Dutra
Procurador da Justiça Aposentado

.....

Em meados de dezembro, Daniel, que havia dias pensava numa viagem à Capital, em objeto de serviço, resolveu-se numa hora para outra. Coisa rápida. “Um pé lá e outro cá” — dissera à esposa, ao despedir-se. Ia tentar junto às autoridades do Tesouro e da Secretaria da Segurança a liberação de verbas. Não dava mais para agüentar aquela situação vexatória que se criara para a delegacia. Crédito, nem para um alfinete. O jipe continuava parado por falta de combustível e acessórios, os motoristas de táxis já não queriam fazer diligências, deixando os criminosos à solta, e, por último, também os fornecedores ameaçavam suspender a alimentação dos presos. Um descalabro.

Depois duma viagem de dezesseis horas, arrastadas ronceiramente entre os sacolejos dum melancólico vagão, pôs-se imediatamente a cumprir o extenso dossiê que levava consigo. Pela manhã, era sabido, nada poderia fazer em função dos órgãos oficiais: as repartições só funcionavam à tarde. Mas havia outras providências a tomar e que independiam da máquina burocrática.

Pasta debaixo do braço e uma enorme disposição de sensibilizar os pró-homens da Administração Pública, bem cedo tocou-se para a rua. De início, surpreendeu-se do movimento, nessa época bastante intenso, devido às compras pré-natalinas. Estranhou a própria fisionomia da cidade. Muita coisa ali mudara nos oito anos em que permanecera no interior. Revia agora uma metrópole em profundas transformações. Buraqueira por toda a parte. Não havia rua em que não estivessem a fuçar, removendo paralelepípedos, instalando cabos subterrâneos, substituindo canos... Dava a idéia duma cidade que houvesse sofrido os efeitos dum bombardeio aéreo. Homens e mulheres, num ritmo nervoso, como se fossem máquinas, deslocavam-se em todas as direções. Tinha a impressão de que todo aquele povo, sob as influências dum “stress” coletivo, corria para encontros marcados. E o pior de tudo é que já desaprendera a caminhar no meio daquele formigueiro. Uma tropa de loucos! O matuto do interior, sofrendo as hostilidades do meio, por mais duma vez roçara nos calcanhares dos que lhes iam à frente.

Com enormes dificuldades, foi furando a vaga humana que se acotovelava pelas artérias centrais. Chovia. Numa calçada, cuja largura diminuía, formando um brete, porque calceteiros, picaretas em punho, realizavam obras de reparação, uma senhora desculpou-se ao atingir-lhe a testa com a haste da sombrinha. “Perdão!” — balbuciara. Ainda bem que era educada. “Não foi nada, minha senhora.” Uma ova que não tinha sido nada. A cabeça ficara a ressentir-se do golpe.

A chuva engrossara de repente. E agora, com uma agravante: o vento, cujas rajadas navalhavam as pernas das pessoas. Daniel resolveu proteger-se sob a marquise

dum edifício. Era a sede da Companhia Riograndense de Eletricidade. Mas logo verificou que pouco adiantava. Os grossos pingos d'água, a cair em jorros, guasqueavam-lhe a cara, como se estivesse ao relento. Enfiou porta adentro e, subindo duas pequenas escadas, existentes no saguão, ficou a observar as filas de pessoas que, pacientemente, saldavam suas contas nos diversos guichês. Com que morosidade o povo conseguia desembaraçar-se! E com que indiferença era tratado pelos caixas! Quando não se punham a conversar com o colega ao lado, ou a fazer comentários sobre lances do último clássico do futebol, contavam maços de dinheiro, que iam empilhando dentro das gavetas, após enlaçá-los com atilhos de borracha. Por que não deixavam aquilo para depois? De quando em quando, um dos arrecadadores inventava de ausentar-se da cabina. Grudava na portinhola uma tabuleta: "Pagar na caixa ao lado." Era o cúmulo do azar! O indivíduo permanecia um tempão naquela espera, e no momento de ser atendido, se via obrigado a mudar de fila, recomeçando tudo de novo. Será que essa corja não tinha medo da Revolução?

Reaproximou-se da porta da rua e deu uma espiada no tempo. O aguaceiro persistia. Resolveu prosseguir. Aquilo não era chuva de parar dum instante para outro. Ia cair água pelo resto do dia. E ele sem nada que pudesse abrigá-lo. Nem galocha, nem guarda-chuva. Protegendo a cabeça com a pasta, caminhava espremendo-se às paredes. O problema era desviar das pessoas que continuavam movimentando ruas e passeios como se fosse um dia de sol. Com efeito, ninguém parecia estar ligando para o tempo. Nem os camelôs deixavam de fazer a propaganda de seus produtos. Verdadeiros discursos dirigidos aos transeuntes. A eles vinham misturar-se os vendedores ambulantes. Plantados à beira das calçadas, com suas tendas de frutas recobertas de plásticos, apregoavam-nas também. Uma gritaria infernal.

Sempre fustigado pela chuva, continuava vencendo aquelas barreiras como podia. Mas, a cada passo, surgiam-lhe encontrões pelas esquinas. E crianças maltrapilhas a pedirem esmolas. Pessoas de todos os tipos, muitas das quais carregadas de pacotes, iam e vinham numa agitação febril. Fora das calçadas, o movimento e a confusão não eram menores. O surdo rolar do tráfego deixava-o atordoado. Intermináveis cortejos de automóveis, ônibus, caminhões, motonetas, desfilavam incessantemente pelo asfalto, deixando atrás de si o ruído sonoro de motores e o som estridente de buzinas. Como podiam os nervos das criaturas suportar aquilo? E que praga de "cascudinhos" a se infiltrarem, sorrateiramente, entre os carros adultos? Andavam em chusmas. E sempre ligeirinhos. Mas seus motoristas não pareciam interessados em pegar passageiros... Muitas pessoas, acenando-lhes, queriam fretá-los. Faziam-se desentendidos. Era como se a coisa não fosse com eles.

A chuva, sempre teimosa, redobrava de intensidade. Os bueiros já não conseguiam dar vazão à enxurrada. Começavam a extravazar. O mesmo acontecia com a rede cloacal. Imundícies eram vomitadas dos canos e ficavam a boiar à flor da corrente líquida. Ou eram arrastadas pelas sarjetas. As águas fugiam, então, para os declives, e, levando por diante a sujeirama, iam engrossando, até formarem verdadeiros lagos que se espriavam por cima das calçadas.

Numa confluência de ruas em diagonal, Daniel estudou uma forma de "pular" para o lado oposto. Terminou desistindo. Quando a sinaleira interditava os carros

que se deslocavam num certo sentido, automaticamente abria para os que surgiam de uma das transversais. O mecanismo voltava a repetir-se, invertendo as situações. E o impasse persistia. Caminhou mais uma quadra, até encontrar uma faixa de segurança junto à qual havia um semáforo. Era a ponte que lhe ia permitir o “salto”. Olhou para o luminoso do retângulo: *PARE*. Ficou espreitando. As pessoas se apinhavam dum lado e de outro. Deviam ser umas trezentas. Com o Pe. Ângelo na imaginação, pensou no ano 2038. Sete décadas tinham decorrido... Quantos estariam, então, enfrentando aquele problema? Tentou fazer um cálculo aproximativo. Mas não chegou a nenhum resultado: abrindo o sinal, com a palavra *SIGA*, foi levado de roldão. Transeuntes à sua frente barraram-lhe a passagem. Atrapalhou-se. Perdeu tempo. E tão logo conseguiu atingir o outro lado, o letreiro mudara novamente. Por um triz escapou de ser esmagado pelas rodas de uma ambulância que passara rente ao meio-fio, salpicando-lhe de lama as vestes: o veículo, em desabalada carreira, pusera os pedestres em polvorosa, deixando em sua esteira um eco plangente de sirena. Não se conteve. Desatendendo às regras do cavalheirismo, proferiu, altos brados, um palavrão contra o imprudente chofer. Havia de ter cabimento que, para salvar uma vida, o idiota colocasse em xeque uma dúzia de outras vidas?

Já refeito, lembrara-se agora duns parentes que ainda precisava visitar, antes do almoço. Moravam distantes do centro. Num largo próximo, tomou um ônibus. Santo Deus! O que era aquilo? Mas também, pudera: oitenta passageiros amassados num espaço onde mal cabiam trinta! (“Os habitantes da canônica, a população do mundo”.) Tudo embolado. Como sardinha em lata. E, para maior tormento, aquela maldita borboleta no meio do corredor... A borboleta ainda não era nada. Pior que isso, as travadas bruscas. E a “vitrola” do cobrador. A cada instante, lá vinham os estribilhos, a martelar os ouvidos daquela pobre gente. “Mais um passinho!” – “Vamos colaborar!” – “A frente está vazia!” – “Quem vai descer, pode ir chegando!” – “O senhor, aí!” Daniel ia desembarcar sem muita demora. Foi se preparando. Mas empacou diante dum bolo de passageiros que se formara no corredor. Agarrado a um cano metálico preso ao forro do coletivo, plantou-se frente a uma moça que ocupava um banco lateral, próximo à porta. Um palmo de saía acima do joelho. Oigalê! Alguém deitou um olhar lascivo para suas carnes desnudas. Fez uma fita danada, procurando repuxar a fazenda que estava faltando para cobrir-lhe as coxas. Engraçado! Por que então saía à rua naqueles trajos? Quem não quer que lhe vejam as pernas, trate de vestir-se decentemente. Ora bolas! E, por pândega, também ele resolveu tirar a sua casquinha... Relanceu-lhe os coxões. Só para ver a cena que ela ia fazer. O mulherão despejou-lhe uns olhares furibundos. Bem feito! Quem te mandou botar dentro desses trapinhos!

O ônibus estacionara. Era o ponto em que devia descer. Foi pedindo licença. Depois de muita esfregação, conseguiu atingir a escadinha de saída, de cujo degrau saltou para fora. Perdera um dos botões do casaco. Arre diabo!

Passava do meio-dia. A chuva, embora sem a mesma violência, ainda continuava. Daniel consultou a agenda, onde tinha por hábito anotar seus compromissos. Aquela hora já pudera cumprir mais de metade do programa. A audiência com o Secretário da Segurança estava marcada para as duas e meia da tarde. Não tinha muito tempo pela frente. Resolveu almoçar, ou, melhor, comer alguma coisa, às pressas.

Entrou numa lancheria. As pessoas, acomodadas em mochos, lembrando assentos de piano, se agrupavam em dois balcões paralelos. Havia um único lugar disponível, ao lado dum casazinho que, rostos colados, trocava carícias . . . Alojou-se. Antes que o atendesse a *garçonnette* — morena, busto empinado, ancas generosas — investigou o cardápio. Um cartaz, afixado na parede, relacionava também algumas variedades e os respectivos preços. Fez um rápido balanço de suas disponibilidades. Optou pelo “Prato do Dia.” Era o mais barato: bife à milanesa, arroz e batatas cozidas.

Enquanto a comida não vinha, pôs-se a observar, disfarçadamente, os comensais. Ficavam uns diante dos outros, face a face. Sempre detestara comer na presença de estranhos. Vinha-lhe uma certa inibição ao imaginar que todas aquelas caras estariam a examiná-lo. Mastigar de boca fechada, corpo ereto, não poder apoiar os cotovelos sobre a mesa, guardanapinhos pelos cantos dos lábios . . . Uma chatice. Mas precisava educar-se no protocolo das boas maneiras. Assim o exigia seu futuro convívio com diplomatas. Queria conhecer aquelas etiquetas . . . Como era difícil a adaptação dum homem do interior aos grandes centros!

— Alguma bebida? — perguntara a *garçonnette*, estendendo-lhe o prato encomendado.

— Água da bica.

— Essa mineral nós não temos. Podia ser outra?

Sentou vontade de rir na cara da imbecil.

— Traga então água da torneira!

Pelas nove da noite, moído de cansado e com umas ferroadas na cabeça, vinha regressando ao hotel. O aguaceiro que durante o dia castigara a cidade, tinha começado a declinar ao fim da tarde e agora cessara de todo. Mas os seus efeitos ainda se faziam sentir. Tinha os pés molhados e as vestes enxarcadas. Uma sensação de umidade lhe subia da sola dos sapatos. Tão logo chegasse ao hotel ia forrá-los com jornal, como sua mãe lhe ensinara a fazer quando, nos dias chuvosos, o menino demandava o colégio. Uma cautela, para evitar resfriado. Resfriado? Pois ali estava um plano que não constava do caderno de notas... Passava casualmente por um bar. Escassas pessoas no seu interior. Entrou. E, ocupando uma das mesas, foi logo pedindo um conhaque.

— Dose dupla! — recomendou ao garçom.

Lembrou-se do seu escrivão, um velho cachaceiro. “Nunca tome bebidas alcoólicas sem antes fazer um forrinho no estômago. Evita úlceras.” Chamou novamente o garçom, completando a ordem:

— Traga também um copo de leite. Dos grandes. E uma aspirina!

Instantes após, deitou o conteúdo do cálice no líquido branco, dissolveu dentro da mistura o analgésico e derrubou tudo goela abaixo. O calor da bebida produziu-lhe súbita queimadura no esôfago. Recordava agora a audiência de cinco minutos que tivera com o Secretário da Segurança... “Então o senhor pensa que o Estado se acha nadando em ouro?” Teve ímpetos de retrucar-lhe: “Mas bem que podia cumprir seus compromissos, evitando passar por caloteiro!”

Apalpou, no bolso, o envelope do Tesouro, contendo a ordem para o exator. Sentia-se satisfeito. Não sabia, porém, precisar se o estado eufórico provinha do documento, ou da pinga que acabava de tomar... Ali estava o papel. Era de cor amarela. Propositadamente não o guardara na pasta, com os demais documentos. A chuva, penetrando-lhe através das costuras e do fecho "éclair" deixara manchas de umidade dentro dela. Aquele documento tinha muita importância. Precisava preservá-lo. Graças a Deus que a delegacia já podia saldar seus débitos. Uma vergonha aquelas contas penduradas! "Pode dizer ao seu patrão que gasolina, no fiado, não tem mais. É a última vez. Enquanto a exatoria não me pagar o que deve, esse calhambeque vai ficar encostado na cerca!" O maroto ia ver... Essa dívida — pensou com seus botões — sou eu quem vai saldar. Pessoalmente. Eu! — exclamou, dando um murro tão forte na mesa, que o garçom acorreu, incontinenti.

— Mais leite com conhaque, patrão?

— Sim, pode vir!

Com uma dose de aguardente na cabeça e outra a caminho, sua euforia aumentou. Acendeu um cigarro e apanhou de cima da cadeira ao lado um exemplar da *FOLHA DA TARDE*, que o freguês anterior ali deixara. Abriu-a numa das páginas, ao acaso, e foi percorrendo o noticiário. Súbito, uma manchete despertou-lhe a atenção: *MÉDICO ABORTADOR SERÁ LEVADO ÀS BARRAS DO TRIBUNAL*. Leu: *CONFORME CONSEGUIU COLHER O NOSSO CORRESPONDENTE JUNTO AO DELEGADO DE POLÍCIA DE CAMPESTRE, ESSA AUTORIDADE PRETENDE REMETER À JUSTIÇA, NOS PRÓXIMOS DIAS, O RUMOROSO INQUÉRITO QUE ENVOLVEU O MÉDICO FERNANDO PACHECO, NO CHAMADO CRIME DA ZONA VELHA, OCORRIDO NAQUELA CIDADE E QUE NA ÉPOCA FOI AMPLAMENTE NOTICIADO. SEGUNDO AINDA SE INFORMA, ASSIM QUE LHE CHEGUE ÀS MÃOS O PROCESSO, O JUIZ DE DIREITO O ENCAMINHARÁ AO PROMOTOR PÚBLICO, A FIM DE QUE O RÉU POSSA SER SUBMETIDO A JULGAMENTO NA PRIMEIRA REUNIÃO ORDINÁRIA DO TRIBUNAL DO JÚRI, A INSTALAR-SE EM MARÇO DO PRÓXIMO ANO, QUANDO O NOVO EDIFÍCIO DO FORUM DEVERÁ SER INAUGURADO. REINA GRANDE EXPECTATIVA EM TODAS AS CAMADAS SOCIAIS PELO DESFECHO DESSE CASO, POIS O RÉU, ALÉM DE ALI EXERCER A MEDICINA, É TAMBÉM ABASTADO FAZENDEIRO E HOMEM LIGADO A VÁRIAS ATIVIDADES EMPRESARIAIS.*

Guardou na pasta o jornal, satisfez a despesa e saiu. Foi andando. Deitaria cedo, a fim de poder enfrentar, na madrugada seguinte, a longa viagem de retorno. As ruas estavam agora desertas e silenciosas, como as de Campestre. Uma paz de cemitério. Nenhum vestígio daquele bulfício que durante o dia o deixara zozzo. Caminhava em passos vagarosos. Um que outro transeunte ainda não pudera recolher-se. Pouco antes de atingir o hotel, um chofer, que estacionara defronte a um edifício de apartamentos, comprimia, com irritância, a buzina. De certo dava sinal para algum morador do prédio. Que absurdo aquele desprezo pelo sossego noturno! Mais adiante, um notívago — presumivelmente borracho — desferia violentos ponta-pés numa lata, fazendo-a rolar nas lajes da calçada. Um som metálico varava a quietude da noite. Quando o objeto, aos trombolhões, completava sua marcha, ou vinha deter-se diante dum obstáculo, novo impulso lhe era imprimido. E a barulheira recomeçava, como antes: balalam, balalam.

Onde estaria àquelas horas o serviço de policiamento?

Sozinho, agora, num quarto de fundos que o hoteleiro lhe reservara, preparava-se para deitar. Sentia uma sensação de abandono. Recordou seu amigo Marcelo... Também ele, a centenas de quilômetros, se encontrava só, no quarto de outro hotel. Examinou as roupas de cama. Queria averiguar se, antes dele, alguém já não dormira sob aqueles mesmos lençóis... Farejou a fronha do travesseiro, o cobertor... Tudo limpinho. Abriu a mala. O seu pijama ali estava, dobrado com todo o capricho, pelas mãos carinhosas de Luisa. Desfez-se da roupa úmida. Após, aproximou-se da pia e, — como costumava fazer todas as noites, antes de dormir — lavou os pés.

Calçou os chinelos. Era um conforto para quem estivera a trotar o dia todo. Apanhando os sapatos, forrou-os com o jornal. Até a manhã seguinte, a umidade estaria absorvida (“Meu filho, não esqueças o papel nos calçados, sim?”). Depois, diante do espelho, pegou a escova de dentes e, espichando a língua, fez um aah com a garganta. Na goela nada havia. Mas a língua estava saburosa. Claro. Eram as porcarias que tinha comido. Com as paçocas da Joana do Carmo não acontecia isso.

Apagou a luz e deitou-se. Devia acordar às cinco para tomar o trem das cinco e meia. Uma boa puxada até a estação. Mas não ia gastar com taxi. Acordaria no horário? De certo que sim. Nunca precisara de despertador. Deitado de barriga para cima, os olhos semicerrados, sentia as pálpebras pesadas. Era a estafa. A estafa e o conhaque... Uma lassidão letárgica dominava-lhe o corpo. Virou-se de lado. Era a posição em que gostava de dormir. Não havia perigo de pesadelos. Ouvido colado ao travesseiro, escutava, no silêncio do quarto, as pancadas do coração. Aflorou-lhe à lembrança uma noite em que, em diligência por um distrito de Campestre, ao recolher-se à cama da pensãozinha, o seu coração, a pulsar como naquele instante, suspendera, de repente, os batimentos... “Estou frito!” pensara consigo. Batia quatro ou cinco vezes e “falhava” uma. Tinha sido uma noite angustiada. De regresso, procurou imediatamente um médico. “Isso não é nada. Apenas uma extra-sístole. Mau funcionamento do aparelho digestivo. E um pouco de nervos. Uns comprimidinhos à base de sulfato de quinidina curam em duas palhetadas!” Fora de foto um santo remédio. O sono agora vinha chegando... As pálpebras passavam-lhe cada vez mais sobre as órbitas. Silêncio profundo. Ele já não ouvia os compassos cardíacos. Não ouvia mais nada...

Excertos do romance inédito “Mais um lugar à Mesa”.